



Commemoração

Passou, em 22 do corrente, o tricentesimo trigesimo terceiro anniversario da fundação da cidade capital do Estado do Rio de Janeiro.

Oriunda em seus principios de modesta aldeia de Indios obteve esse povoado pelo alvará de 10 de Maio de 1819 o titulo de Villa Real da Praia Grande.

Attendeu o rei a essa necessidade, diz o padre Luiz Gonçalves dos Santos: não só pelos grandes embarços, que os seus moradores e os das quatro freguezias confinantes experimentavam no largo trajecto do mar, afim de virem promover nesta Côrte os seus litigios, recursos e dependencias; mas tambem por haver crescido muito a sua população, que então excedia já a treze mil almas em toda a sua extensão.

Para patrimonio da Camara Municipal fôra concedida uma sesmaria de uma legua em quadro.

A installação da Villa foi realisada em 11 de Agosto de 1819.

A lei provincial n. 2 de 26 de Março de 1835 elevou a precitada Villa á categoria de Capital da Provincia, ordenando que nella tivesse logar a reunião da Assembléa Provincial Legislativa.

Pela lei provincial n. 6 de 28 de Março do referido anno obteve ainda Villa Real da Praia Grande o titulo de cidade com a denominação de *Niteroy* que, segundo o Dr. Macedo Soares, deve ser escripto com melhor acerto *Niterói*.

Como homenagem a esse illustre indiano logo transcreverei aqui as considerações que sobre a verdadeira or-

tographia dessa palavra escreveu elle nas *Annotações* ao trabalho de Cortines Laxe—*Regimento das Camaras Municipaes*. «Nichteroy escreve o Autor—outros escrevem *Nicteroy*, *Nicterohy* e ha quem leve a extravagancia de escrever *Nichtherohy*.

A palayra é simplesmente *Niteroy*, corrupção de—*iterõi*, agua que se esconde, como bem provou Baptista Caetano nos *Ann. da Bibliotheca Nac. do Rio de Janeiro* fasc. 1, pag. 202.

E assim temos corrigido o texto, deixando supra a fórma geralmente seguida e adoptada por C. Laxes afim de termos occasião de nos explicar.

Cumpre acrescentar que Baptista Caetano restitue a palavra *Nyterõi* vindo em *ny* o metaplasmo de *Yi*; mas o metaplasmo seria *ji=nhí* (Pizarro escreve *Nhiteiroy*, abrandando em *ni*.

Ao *o* seria hoje difficil, sinão impossivel, mudar para nasal *õ* a sua tradicional pronuncia com o som puro e aberto *ó*.

Quanto ao *i* final como o *y* é geralmente usado (Casal, Pizarro, Conego Januario, Cayrú, Millier de Santo Adolphe, Varnhagen, Martius etc.) e tem o mesmo som, conservamol-o, guardando assim tambem certa uniformidade com a escripta de outros nomes de logares acabados em *y* breve como Uruguay, Paraguay, Igurey, Nonoay, Caceguy, Ibirocay, Itapitocay, Gualeguay e tantos outros.

O *c* da primeira syllaba da escripta commum (*nic*) parece vestigio do *g* que se ouvia na pronunciação do *i* especial do abané-enga (*ig-i-terõi*) e por isso talvez se devesse conservar. Notemos, porém, que o *g* dessa procedencia, existente ainda no tempo de Pizarro (primeiro quarto deste seculo) tem inteiramente cahido já nos finaes como em *Itaipugy*, já no suffixo *tiba* como em *Revitigba*, *Guaratigba*, *Mangaratigba*; já sendo o *i* seguido de consoante, como em *Ipuca*, *Itinga*; conservando-se apenas onde se lhe segue vogal como em *Iguassú*, *Igurey*, *igara*, *igarapé*, *igapó*. Eis a justificação do nosso modo de escrever *Niteroy* que rigorosamente devia ser *Niterõi*.

E agora que com todo o direito e justiça se celebra a

commemoração de um passado glorioso e agora que vem à baila o nome do Ararigboia, devemos escrever o nome Niteroy mais ou menos segundo o modo porque o bravo índio e seus companheiros pronunciavam o nome da baía em cujas margens fundaram sua primitiva aldeia.

Ha nisto mais uma homenagem prestada aos inclytos fundadores do Rio de Janeiro, os quaes ajudaram a cavar os alicerces da hoje capital dos Estados-Unidos do Brasil.

Procurando esclarecer certos pontos obscuros da vida do indomito alliado dos Portuguezes, algo escrevi n' *A Noticia* de 27 de Janeiro de 1903.

Com pezar vi que os illustres admiradores do Ararigboia quer no *Fluminense*, quer no *Jornal do Commercio*, nenhum cabedal fizeram das minhas despretenciosas achegas.

Continuaram elles em suas allêgações a sustentar erros bebidos em autores já de ha muito refutados. Não se deram ao trabalho de procurar escriptos posteriormente dados á luz ou documentos ineditos esparso nas bibliothecas. Está hoje mais que provado: o combate de 1568 foi ferido perto da Bica dos Marinheiros.

Para manifestar o meu enthusiasmo pelo fundador da Aldeia de S. Lourenço darei á estampa um documento inedito; que se prende talvez á vida do illustre batallador ou de um de seus descendentes.

Tenho conservado esse papel como verdadeira reliquia, não só pela materia que encerra como pelo modo por que o adquiri.

Eu o offereço aos illustres biographos de Ararigboia que quizerem ou poderem elucidar varios pontos da vida do chefe dos *tupiminós*.

Em dias de Janeiro do corrente anno, do Ceará, recebi um *enveloppe* dentro do qual encontrei ainda bem conservado um manuscripto inteiramente inedito, um verdadeiro documento original. Em sua margem se lia o seguinte: Presente de festas ao Illmo. Am.º e Sr. Dr. Vieira Fazenda—Ceará, 1 de Janeiro de 1906.—*Barão de Studart*.

Não é preciso dizer quem seja o offerante que me enviava tão precioso mimo. Por sua illustração, pelos serviços prestados à nossa historia e pela copiosa collecção de documentos que possui, os quaes tem publicado, o Barão de Studart é considerado quer no Brasil, quer no estrangeiro, verdadeira summidade.

Eis o teor do precioso documento escripto com letra perfeitamente intelligivel: «Sua Magestade que Deus guarde tendo respeito aos serviços de Martim Affonso de Souza, Indio, natural da capitania do Rio de Janeiro, no Estado do Brasil, precedendo consulta de quinze do presente houve por bem de lhe fazer mercê do cargo de capitão-mór de todos os indios da repartição do Sul e que seu filho Manuel de Souza fosse seu sargento-mór e manda que se dê a cada um delles hum vestido e dez mil réis em dinheiro de soccorro para se embarcarem no primeiro navio que for para aquella capitania. Do que aviso a V. S. para que tendo entendido faça dar execução à ordem de Sua Magestade. A divina guarde a V. S. como desejo. Do Paço 28 de ... de 642—*Antonio Peryra*. Para Dom Miguel de Almeida».

No alto do papel escripto por letra menos clara está lançado um despacho dirigido ao Marquez de Montalvão «e datado de 28 de .. de 642».

Cumpre advertir que as lacunas existentes com referencia ao mez são devidas à destruição pelo uso e pelo tempo de uma das margens dessa carta de ordem.

Tratar-se-ha, nesse inedito, do proprio Ararigboia, que, em idade avançada, tivesse ido à Lisboa, ou de algum filho seu que possuísse o mesmo nome do illustre progenitor? Sendo assim o Manoel de Souza, do documento, seria neto do Ararigboia. Admittida a primeira hypothese ficaria invalidado tudo quanto se tem escripto sobre a idade e morte do chefe de S. Lourenço.

Eis um problema digno de solução.

Tem pelo menos o sal da oportunidade.

Demais, como é sabido, os indios attingiam quasi todas edades avançadas. Os da Aldeia de S. Lourenço são exemplo vivo dessa verdade.

Tratando do povoamento da paragem de Macahé o illustre Sr. Augusto de Carvalho, na sua obra a *Capitania de S. Thomé* cita o nome dos chefes da expedição: Amador de Souza, *filho do celebre Ararigboia* e seu *sobrinho Manoel de Souza*.

Na segunda hypothese o documento precitado vem denunciar nomes de individuos, em cujas veias corria o sangue do valente auxiliar de Men de Sá.

Em todo caso, tal manuscripto prova que, em 1642, os descendentes daquelle chefe eram ainda mui considerados na metropole e della mereciam honras e auxilio.

Submetto o referido ao parecer e criterio dos sabedores.

Pequeno subsidio offerecido aos biographos de Martim Affonso, delles espero esclarecimentos

Com tal contribuição quiz mostrar apenas quanto me foi agradável a suggestiva commemoração do dia 22.

VIEIRA FAZENDA.

25 de Novembro de 1906.

